

**JOSÉ DE MESQUITA**  
(Do Centro Matogrossense de Letras)

## Um rapaz alegre

(Conto)

Cuiabá  
Revista do Centro Matogrossense de Letras  
Anno X — Números XIX e XX  
1931

JOSÉ DE MESQUITA



**José Barnabé de Mesquita**

(\*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

**Biblioteca Virtual José de Mesquita**

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>



**LEANDRO** é o rapaz mais alegre e comunicativo que tenho conhecido. Não sei si elle tem motivos para julgar-se feliz, acredito, porém, que se julga. Ora, uma destas melancólicas tardes de fim de outono, encontrei-o, por acaso, passeando no Jardim da Luz. Depois de havermos dado umas voltas atôa, falando de estudos e passeios, theatros e *grisettes*, viemo-nos sentar a um banco, numa área de poucos transeuntes e ficamos alguns segundos calados, como presos da sugestão do crepúsculo. O silencio era profundo e calmo, como numa floresta: o barulho dos carros no largo da Estação, as vozes dos passeantes, o rumor do vento na folhagem, tudo parecia ter-se interrompido momentaneamente... Pouco a pouco, em roda de nós, a paisagem estreita de arvores e águas que os nossos olhos divisavam se ia apagando, ennevoando-se, diluindo-se na sombra.

Uma tristeza infinita e doce é o que nos infundia aquelle retiro campestre, a 5 minutos da Cidade, nessa hora recolhida e calma do escurecer.

Leandro e eu parecíamos muito distantes um do outro e muito alheios a tudo que nos cercava, quando, não sei si no Seminário ou em outra igreja próxima, um sino começou a encher o silencio da tristeza christã de ângelus vespertino. Uma turma de operários que passava tirou respeitosamente o chapéo. E quando as ultimas notas se perdiam no ar tranquillo, sob o céo de cobalto, Leandro, o rapaz mais alegre e comunicativo que eu já tenho conhecido, me disse:

“Sabes?, eu vivo do som e de todas as cousas que prendem ao som. Creio que para mim a maior desgraça seria não ouvir... Não imaginas o que me suggerem certos sons, já não falo da musica, o som coordenado, medido, reduzido a rythmo, mais sim o som livre que conserva a alma daquillo que o produz, o som que guarda o espírito mysterioso e múltiplo dos seres e das cousas... Há sons suggestivos e que falam com um encanto ineffável...”

Quanta cousa se poderia escrever acerca da expressão polymorphica dos sons! Melopéas e entristecidas que arrulam leve, como uma saudade muito doce e muito antiga ou vibrante clangor de epinicios, que arrebatam nas azas velivolos do sonho... Cantigas abafadas no mysterio da tardinha ou álacres canções da vida forte, cheia de seiva, quente de sangue, na gloria rubra do meio dia... Como eu as amo, principalmente essas sonoridades que parecem apenas esfolar a seda do silencio e que evocam num campanário deserto, onde dardeja o ultimo raio de sol, o derradeiro dobre de um sino que se vae calando... Ainda ha pouco, tu não imaginas o que senti, quando aquelle sino começou a tocar as avemarias... Eu estava pensando em não sei que frivolidade, quando a primeira badalada sonora e grave me chamou a atenção.

Era o mesmo tocar dos sinos da minha terra... Diria bem que era o mesmo sino ou o mesmo sineiro.

Depois, meu amigo, a hora, a paisagem... Tudo isso tem uma enorme influencia em nós.

À tarde, em torno de mim, se ia fechando em noite, com a demorada tristeza de uma agonia. O que eu evoquei, o que eu vi, na dorida melancolia da tardinha, enquanto o sino continuava a gemer com a mesma doce expressão dos sinos de minha terra! A minha memória não me poderia enganar! Já



## UM RAPAZ ALEGRE

ouvira esse som, o mesmo, á mesma hora, sem poder, porém, precisar a circumstancia... Já viste tortura intellectual maior que essa de querer a gente lembrar um facto de que temos a intuição que se deu, mas qual nos faltam pormenores que o identifiquem e lhe dêm o character de realidade objectiva? De súbito, recordei, com uma nitidez admirável: foi em minha cidadezinha natal — já lá vão tantos annos — na véspera do dia em que parti, criança ainda, inconsciente do bem que lá deixava pelo mal que aqui fora, na vida, estava me esperando... Nunca me esquecerei daquella hora doce do escurecer e daquella esquisita emoção de saudade antecipada que então me veio. O sino tocava assim mesmo, como este de ha pouco.

Era o velho sino de minha cidade, o mesmo que tocou alegremente ao meu baptizado, o mesmo que eu ouvira tantas vezes, no seu repicar festivo, nos dias da infância feliz, o mesmo que dobrou á morte de tantos queridos e parentes e até dos meus antepassados que eu nem conheci... Bom sino, meu amigo sino! Este daqui teve agora a mesma expressão, donde estou em que elles tem almas affins. Os sinos devem entender-se e dahi, talvez, não sejam tão infelizes como nós que tendo almas indifferentes ou hostis, quase sempre não nos comprehendemos, vivendo insulados pelo egoísmo no rochedo das solidões mais trágicas... Os sinos, por outro lado, devem entender-nos, como nós lhes comprehendemos a suggestiva linguagem. Aquelle sonoro sino da minha terra si me visse de novo e me devassasse a alma, nua e triste como um deserto, por certo não teria mais esta doçura melancólica de ângelus com que se me avivaram as saudades... Dobraria a finados”.

Eu olhava o meu amigo, espantado e commovido do que lhe ouvira e do novo aspecto em que me desvendava o estranho enigma da sua personalidade. Elle sorria agora... Eram sete horas da noite e nos levantávamos. Na praça Mauá era grande o

## JOSÉ DE MESQUITA

movimento de carros, autos e electricos, num barulho ensurdecedor...

Trens apitavam dentro da Estação, uns chegando, outros a partir... Passavam bandos de operários e costureiras numa garrulice alegre. Eu notei, sorrindo, que não havia som mais harmonioso do que a voz das mulheres. Leandro, a fitar um grupo de *grisettes* que passava tagarellando, concordou num aceno de cabeça, quase machinal. E, ainda presa da sua profunda abstração, foi que eu lhe disse, como para o distrahir:

— Olha! Ali vem o nosso bonde. Vamos tomal-o.

E corremos para alcançar o *Santa Cecília* que já virava a esquina da velha estação da Sorocabana. A noite se fechara todo e uma garoa fina e penetrante começava a peneirar do céu sombrio e cheio de brumas.